

A situação em Cabo Verde nos finais do século XVI

Os problemas de **defesa da cidade da Ribeira Grande**, única povoação no século XVI com alguma relevância no arquipélago de Cabo Verde, eram relatados desde os meados desse século, mas levaram muito tempo a conhecer o interesse da corte de Lisboa. Em **1542**, já **Jorge Vaz** escrevia a D. João III referindo que “*a cidade e porto está sem nenhuma resistência, que só uma nau avante dela, certo a porá por terra e a porão a saque (...) o porto tem grande necessidade de artilharia e munições*”. O material começou a chegar entre 1556 e 1558, então um falcão e 6 berços, 4 quintais 4 arráteis de pólvora, 58 espingardas e demais munições. Nos anos seguintes ainda chegariam 35 arcabuzes aparelhados, mais 8 berços, 3 meios-berços, 2 esperas e diversas câmaras para falcões e berços, para além de 40 lanças, ou *piques*, 841 pelouros de espera e falcão e mais pólvora.

No entanto, era muito **pouco material bélico** para enfrentar os conflitos que viriam a ocorrer nos anos seguintes e o **peçoal para manejar esse material** levaria muito tempo a preparar, sendo ainda necessário que viessem do Reino os primeiros especialistas para então o formar, o que só aconteceu bastante mais tarde. Entretanto, os problemas no **Norte de África**, por exemplo, polarizavam o interesse da corte, sendo necessário agudizarem-se os problemas nas **ilhas de Cabo Verde**, para então se lhes dar o encaminhamento devido, o que só acontecerá duas décadas depois, com a subida ao trono português de **Filipe II de Castela** e após os problemas ocorridos com a aclamação de D. António nos Açores.

Desconhecemos quando se começou a seguir o **Regimento das Ordenanças de 1570**, que nas ilhas da Madeira e dos Açores teve aplicação quase imediata. A sua utilização através das estruturas camarárias, cuja documentação cabo-verdiana não chegou aos nossos dias, dificulta o seu estudo. A implantação desse regimento, pressupunha, também, a implantação de um sistema de **vigia da costa** e, conseqüentemente, a construção das primeiras estruturas defensivas, as **vigias**, que deveriam ter uma pequena guarnição e possuir um sistema de sinalização, geralmente por fogueiras, para comunicarem umas com as outras a aproximação de possíveis inimigos. Elevavam-se em pequenas eminências, com ampla visão sobre a costa, constituindo **postos de vigia** e muitas delas deram origem às iniciais fortificações.

Quando **Filipe II tomou conta do governo de Portugal**, em **1582**, já se encontravam montadas três pequenas fortificações na Ribeira Grande, na Praia e na ilha do Fogo, essencialmente, **posto de vigia**, aliás como alguns nomes indiciam. Na cidade da Ribeira Grande existiam os redutos ou baluartes **da Vigia, da Ribeira** e o **de São Brás**; na vila da Praia existia apenas um, no *plateau*, e na ilha do Fogo, dois, mas de que não se especificam os nomes. Refere então o **sargento-mor Francisco de Andrade** que os baluartes da Ribeira Grande necessitavam de **quatro colubrinas**, ou *columbrinas*, armas compridas para tiro longo, reforçadas de munições e apetrechos, assim como de **arcabuzes e piques**, referindo que os baluartes se encontravam “*com pouca artilharia e miúda*”. Igualmente a vila da Praia

precisava de 3 columbrinas e respectivos apetrechos, assim como na ilha do Fogo devia haver “*peças grossas*”, mas não especificando quais.

Deve datar dessa época o reforço do **baluarte da Achada**, mas a construção da **Fortaleza Real de São Filipe**, como aliás o nome indica, vai acontecer após o ataque de Francis Drake, embora nas gravuras que conhecemos desse ataque, a área já apareça sumariamente fortificada. Em correspondência posterior do capitão e do bispo de Santiago, em Março de 1586, propunha-se a construção de **novos baluartes no porto de São Martinho**, para impedir ali o desembarque de tropas e um forte “*no lugar da Achada que está mais alto que a cidade e é o caminho que vai deste porto (de São Martinho) para ela*”, cidade.

A primeira avaliação dos sistemas de defesa da Ribeira Grande foi feita pelo capitão **Diogo Flores de Valdez**, que procedente de Cádiz, por volta de **1582** passava na cidade com destino à América do Sul, acompanhado do engenheiro italiano **Bautista Antonelli**, que seria depois o responsável pelas várias fortificações levantadas no Brasil, competindo-lhe, entretanto, o estudo de todo o sistema defensivo Ibérico desde as Caraíbas até ao Estreito de Magalhães, reavaliado depois em Madrid por **Tibúrcio Spanochi**. No relatório então elaborado, muito geral, alertava-se para a importância dos **portos da Ribeira Grande e da vila da Praia** no comércio com a costa da Guiné, colocando-se já a hipótese de **transferência da capital administrativa para a Praia**, dadas as melhores condições do seu porto e, inclusivamente, as melhores condições de salubridade do lugar em comparação com o da Ribeira Grande.

A **primeira incursão em Cabo Verde** para procurar aí apoio às pretensões de D. António, apenas ocorre em **Janeiro de 1583**, operação liderada por um dos capitães do Prior do Crato, **Manuel Serradas**, natural da Madeira, que se desloca ali em navios franceses. Trazia cartas para o **capitão Gaspar de Andrade** e para o **bispo D. Bartolomeu Leitão** para que se **aclamasse D. António em Santiago**, mas não foi bem recebido, sinal de que já haviam chegado outras informações. De imediato se organizou a defesa em terra, mas face ao desembarque de gente de guerra, bem treinada, as forças de terra, “*gente bisonha*” e mal preparada, debandaram. A **cidade da Ribeira Grande** foi totalmente pilhada, tendo as igrejas sido despojadas de todos os ornamentos, especialmente as alfaias de prata, algumas mesmo fundidas durante o espaço de quase um mês que ali permaneceram.

As forças de **Manuel Serradas** deslocaram-se em seguida à **ilha do Fogo**, que pensamos que já estariam alertados para o que se passara na Ribeira Grande, pelo que foram festivamente recebidos, tendo sido **aclamado D. António no Fogo** e não tendo havido o saque generalizado que houvera em Santiago. O rei Filipe II de Castela e então também primeiro de Portugal, mais tarde, veio a perdoar aos habitantes do Fogo o não se terem defendido e afrontado os invasores “*até à morte*”, como era seu dever, assim como “*tomarem a voz do dito D. António*”. Puniu, no entanto, algumas das figuras de relevo da ilha, mas que devem ter acabado todas por ser igualmente perdoadas.

Ainda não haviam passado dois meses e já se configurava perante a Ribeira Grande nova armada inglesa, então do **almirante John Hawkins**. Enviaram-se emissários e perante o espectáculo ocorrido com Manuel Serradas, em princípio, parece que o corsário inglês reagiu de outra forma, propondo, inclusivamente, **expulsar da ilha do Fogo as forças de Manuel Serradas**. No entanto, chegando ao Fogo e contactando com Manuel Serradas,

acabaram por acordar invadir, novamente, Santiago. O plano pareceu tão pouco lógico, dado a cidade se encontrar sem qualquer coisa de valor, que alguns dos capitães de **Manuel Serradas** resolveram não acompanhar o mesmo, parecendo que o mesmo teria acontecido com algumas das forças de **John Hawkins**. Efectivamente, chegadas as forças à Ribeira Grande e desembarcando sem os devidos cuidados, acabaram por cair numa emboscada, tendo sofrido 11 mortes e, os soldados que escaparam, tiveram de alcançar os navios a nado.

Dois anos mais tarde, em **1578**, voltavam a aparecer frente à Ribeira Grande nova armada inglesa, então do **almirante Francis Drake**, cujas viagens de saque pelas possessões Ibéricas seriam depois imortalizadas em várias publicações, onde, infelizmente, se representa o **ataque à ilha de Santiago**. Os ingleses já tinham aprisionado alguns navios nas imediações do porto e, uma vez frente à Ribeira Brava, **fizeram desembarcar 600 homens**. Os pequenos baluartes que defendiam o porto, como o **forte de Santa Marta**, encontravam-se mal guarnecidos, não conseguindo fazer face à invasão. Os **marinheiros ingleses** de Francis Drake, como era seu apanágio, após o saque, lançaram fogo ao que restava, marcando, decididamente, a decadência da cidade da Ribeira Grande.

As obras de construção da **fortaleza Real de São Filipe** devem ter sido iniciadas em **1587**, quando chega à Ribeira Grande o **mestre-das-obras reais João Nunes**, nomeado a 12 de Junho de 1586, e proveniente de Tânger, onde, em 1577, substituíra o mestre Jorge Gomes. **João Nunes** acompanhara o rei D. Sebastião à malograda batalha de Alcácer Kibir, tendo ali caído prisioneiro, juntamente com os engenheiros **Nicolau de Frias**, **António Mendes**, depois mestre de São Julião da Barra e **Filipe Térzio**, então engenheiro-mor do reino. A planta de que era portador, quase obrigatoriamente, teria de ser **projecto de Filipe Térzio**, embora com a colaboração dos outros engenheiros então em serviço na provedoria das obras reais.

Com o **fortificador João Nunes** também se desloca à Ribeira Grande o capitão português **Gaspar Luís de Melo**, que prestara serviço nas forças do duque de Alba que haviam invadido Lisboa e, depois, no Funchal, com o corregedor António Leitão, em 1582 e regressara depois a Lisboa, após a instalação do **conde de Lanzarote** na Madeira. Era igualmente um especialista em fortificações, pois no seu regresso a Lisboa, foi ele que forneceu as informações sobre as defesas do Funchal que **D. Francês de Alava** enviou depois para Filipe II com dois desenhos, que pensamos feitos pelo capitão.

O **sistema geral de defesa da Ribeira Grande** foi então reformulado, construindo a **Fortaleza Real no sítio da Achada** e reformularam-se os baluartes na cidade, ampliando-se todo o sistema defensivo com a construção dos **fortes de São Veríssimo, São João dos Cavaleiros, Santo António e São Lourenço**. Igualmente a **João Nunes** foi cometida a função de reformulação da **fortaleza da Praia**, pois a sua função era geral para todas as ilhas de Cabo Verde, assim como igualmente se teria deslocado, pelo menos, à ilha do Fogo, para a revisão da fortificação ali existente. Resta ainda saber se, como **mestre-das-obras reais**, ou seja responsável por tudo o que corria pelos **dinheiros da fazenda régia**, não teria ainda tido intervenção nas construções religiosas, como era sua função, especialmente nas megalómanas obras da Sé da Ribeira Grande

Em 1596, os ingleses ainda voltariam a atacar a martirizada cidade da Ribeira Grande. Embora não tenhamos referências muito concretas a esse respeito, os pedidos do almoxarife **Brás Reimão**, embora bastante mais tarde, em 1620, sob um saldo negativo das suas contas

no tempo do **capitão Brás Soares**, assim como a informação do mesmo capitão, de que teria havido novo saque, quando ele se encontrava “*quatro léguas fora da povoação*”, parecem confirmá-lo. Também mais tarde, o **capitão André Álvares de Almada**, na confirmação de acesso a um hábito da Ordem de Cristo, teve dificuldade em lhe ser concedido, dado a mãe ser de cor, refere que teria defendido a fortaleza, embora refira então que o capitão Brás Soares ali se encontrava, “*muito apertado*” no cerco que lhe tinham feito. Parece não restarem dúvidas de mais esse assalto, inclusivamente, porque o hábito de Cristo lhe foi depois concedido por Filipe II.

Em **1598** ainda seria a vez de um novo assalto, então efectuado por **forças holandesas**. Essas forças desembarcaram junto à **vila da Praia** e andaram vários dias a saquear as pequenas povoações das costas da ilha de Santiago. Acabaram, no entanto, por ser expulsas pelas forças locais, sob o comando do **governador Francisco Lobo da Gama** e não constando que tivessem acometido a cidade da Ribeira Grande, nem mesmo a vila da Praia. O curso parece, entretanto, ter acalmado na ilha, embora tal não tivesse ocorrido em relação à navegação, que continuou a sofrer inúmeras perdas, mas ainda se tendo registado, em **1611**, mais uma tentativa de desembarque na vila da Praia, por forças inglesas.

Para além do **assalto à ilha do Fogo**, de Manuel Serradas, registaram-se, logo nos meados do século XVI, tentativas de ocupação, mais ou menos pontuais, das chamadas **ilhas periféricas**, como era o caso da **ilha do Maio**. O facto de a **ilha do Maio** se encontrar quase desabitada, mas com gado à solta e com importantes salinas, o que permitia não só abater o gado, como logo ali preparar a carne, foi um factor que a tornou apetecível para o curso internacional. As primeiras referências apontam para **1552**, quando a armada de costa e do comércio das ilhas começa a patrulhar essas ilhas periféricas, dadas as informações de serem frequentadas por franceses, ingleses e, depois, holandeses. Em **1576** teria havido um saque com incêndio em **duas localidades da ilha do Maio**, que foram incendiadas pelo **corsário inglês André Backer**, em resposta a uma afronta perpetrada por elementos ali residentes para com um dos seus homens. Mais tarde, já no século XVII, em **1607**, o governador queixa-se para Lisboa que parecia que os **holandeses se queriam mesmo ali instalar** em definitivo, como ponto de apoio para as suas armadas com destino ao Brasil, embora depois, não se volte a tocar no assunto.